

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (LXXXI)

O DOMINGO

O significado do domingo para o imigrante merece uma atenção especial. Se o domingo tem na doutrina cristã um significado religioso fundamental, para o imigrante italiano ele passa a ter um conjunto de significados que define as atividades e os programas pessoais e comunitários de todos indistintamente.

Não há dúvida nenhuma que seis dias da semana eram dedicados exclusivamente ao trabalho. O trabalho tinha como primeiro objetivo garantir o sustento da família e, como segundo objetivo, conseguir recursos suficientes para garantir, pelo menos em parte, o sonho de fazer fortuna. Assim, o domingo não representava apenas o dia das práticas religiosas e a busca de conforto nas orações coletivas, mas um dia de sair da solidão e participar com outros imigrantes os avanços e dificuldades encontrados para assegurar-se que a aventura da emigração, apesar de tudo, dava sinais de estar valendo a pena.

Resumidamente pode-se dizer que o domingo concentrava os momentos mais importantes para reanimar, fortalecer e dar sentido a todos os esforços desenvolvidos pela plena realização dos ideais de um futuro melhor nascidos na distante Itália. Fortalecidos com novo ânimo, todos voltavam para suas precárias casas com certeza que a segunda-feira seria menos amarga, e que os pensamentos da semana esperavam o próximo sábado como a ante-sala de um outro domingo com novas esperanças.

A descrição do domingo, apresentada por frei Rovílio Costa e Luís Albetto De Boni, em seu livro "Os Italianos no Rio Grande do Sul", revela um pouco do que acontecia: "Se, durante a semana, a luta pela existência mal dava tempo para pensar em outras coisas, o mesmo não acontecia nos domingos. O respeito pelo dia sagrado proibia o colono de dedicar-se ao trabalho. Entretanto, na floresta, não havia outra maneira de ocupar o tempo, a não ser trabalhar. Assim, o domingo era o pior dia da semana para o imigrante, o dia em que subiam à tona as recordações da pátria, o dia em que a imaginação atravessava o oceano para, no vilarejo natal, novamente tomar parte nas solenidades sacro-sociais do paese. O domingo era o dia da saudade".

A partir desta situação se pode fazer algumas observações que mostram como os imigrantes conseguiram superar positivamente as situações adversas, surgidas desde o momento da partida, durante a viagem e nos primeiros tempos em suas colônias.

Desde o início, todos tinham bem claro que o sucesso de sua empreitada na nova Pátria dependia quase que exclusivamente deles mesmos. A solução era arregaçar as mangas, olhar para frente e ir à luta. Cada um sabia o progresso da sua colônia dependia de seu trabalho. Aqui, em relação à Itália, havia uma grande diferença, o que colhiam não precisavam repartir com os patrões. Para isso tinha seis dias da semana para o sucesso pessoal. Já o domingo passou a ser um compromisso coletivo a começar pelo local de encontro. Com a falta de igrejas, os capitéis serviam. Se não havia missa, a reza do terço e as ladainhas cantadas eram suficientes. Resultados da participação de todos.

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (LXXXII)

AS SOLUÇÕES CASEIRAS

Ainda uma palavra sobre as estratégias de preencher o vazio dominical. Ninguém duvidava, as soluções deviam ser caseiras. As instituições públicas não davam sinais de colaboração. Tudo podia começar com uma cruz tosca à sobra de uma árvore. Depois vieram, sucessivamente, capitéis, capelas, igrejas e catedrais. Na ausência dos celebrantes oficiais, eles “ordenaram” os padres leigos sem precisar de autoridades eclesiais e passar pela formação de seminários. A escola da vida era suficiente. O ritual era simples e espontâneo. Bastava uma proclamação coletiva daquele que mostrava bom relacionamento. Sabia ler. Tinha habilidades e experiência para dirigir as cerimônias e, o mais importante, merecia a confiança e o respeito da comunidade.

Este processo, que pode ser chamado de solução caseira, passou a vigorar em todas as situações que exigiam respostas práticas, imediatas e eficazes. Desde o início da aventura imigratória, eles perceberam que pouco se podia esperar das autoridades. Na Itália, foram esquecidos e abandonados pelos unificadores. Poderiam reagir, mas eles não sabiam enfrentar o poder. A solução, quase desesperadora, foi procurar o porto de Gênova e embarcar para terras desconhecidas. Um gesto que, de um lado, foi lembrado como uma triste lembrança, mas, por outro lado, foi uma valiosa lição que lhes indicou a receita para resolver futuros problemas: as soluções caseiras. E foi assim que eles enfrentaram todos os desafios. Neles, individual e coletivamente, residia a invenção das soluções.

Assim foi na espera dos lotes, ainda não traçados. O mesmo aconteceu com as casas e as estradas. Se carpinteiros e engenheiros não havia, o jeito era recorrer aos conhecimentos práticos, reunir os instrumentos existentes e fabricar outros. Foi assim que, serrando ou lascando, apareceram tábuas, barrotes, taboinhas e, com esse material, surgiram os primeiros abrigos, carinhosamente, batizados com o nome de casa. Sem máquinas para abrir estradas, o jeito era incorporar-se aos grupos de trabalho e, com a força dos próprios braços, abrir as primeiras picadas que, solenemente, eram chamadas de estradas.

Hospitais, que hospitais! Médicos? Apenas alguns práticos que, devido às distâncias, chegavam quando pouco havia a fazer. A solução mais a mão eram os remédios caseiros, os da nona. Por que não aceitar uma infusão estranha oferecida por algum caboclo ou bugre? Havia o recurso aos curandores e benzedores, ainda que fosse conveniente ser feito à escondidas e muita cautela, não porque não merecessem confiança, mas devido a antigas e fortes restrições das autoridades eclesiais. Práticas condenadas.

No meio de tantas carências, duas atividades foram bem sucedidas e reconhecidas por todos. As parteiras práticas sempre mereceram todo respeito e confiança pela dedicação e competência. Os relatos mostram que foram raros os partos mal sucedidos. Ao lado das parteiras estavam os “giusta ossi”, prontos, com suas mãos calosas e eficientes, para corrigir fraturas, deslocamentos de nervos e músculos. Hoje, frequentemente consultados, embora sejam raros e condenados pelas ciências médicas.

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (LXXXIII)

A ESCOLA

A escola é uma questão que merece uma atenção cuidadosa. Hoje, ninguém coloca em dúvida a necessidade fundamental da escola no processo de educação das pessoas, de desenvolvimento de uma sociedade e de instrumento de acesso ao mercado de trabalho. Ela foi criada pelos gregos, cinco séculos antes da Era Cristã, como a instituição fundamental para a formação das novas gerações com o objetivo de integrar-se à ordem social.

Quando se relê os relatos sobre os interesses dos primeiros imigrantes italianos com a escola pode-se chegar a dois pontos. O primeiro mostra que eles não fizeram grandes esforços para ter uma escola. O segundo ponto estabelece uma relação entre a atitude dos imigrantes italianos e alemães, frente ao valor da escola. Os alemães sempre deram prioridade à escola. A leitura era importante para os estudos bíblicos.

O pouco entusiasmo pela escola entre os imigrantes italianos, pode-se atribuí-lo a vários fatores. O primeiro é que, como todos sabem, o índice de analfabetos era muito alto. Tal situação parece que não os incomodava porque não interferia sobre os trabalhos da roça. A prioridade, para eles, era o trabalho. Mesmo onde havia alguma escola a freqüência era baixa, exatamente na razão inversa da quantidade de trabalhos da roça. Qualquer motivo era suficiente para não ir à aula. Alguns estudiosos chegaram a concluir que se formara uma frente anti-escola. Provavelmente é um exagero, entretanto há fatos curiosos. Por exemplo, em meados de 1950, num município, recém emancipado, um grupo resolveu tomar a iniciativa de criar um Ginásio, que seria dirigido por uma Congregação Religiosa, já presente em outros municípios. Foi iniciada uma campanha para angariar fundos. A receptividade não foi entusiasmante. As adesões foram poucas. E para piorar aconteceu um fato folclórico. Um agricultor, solicitado a contribuir, disse o seguinte: Eu não vou ajudar. Só faltava essa, ajudar a fundar uma escola para ensinar aos outros virem aqui me lograr!

Esse fato, certamente, não permite que se generalize, mas pelo depoimento dos mais idosos, se sabe que os pais recomendavam aos filhos que aprendessem ler, escrever e fazer contas para, futuramente, não serem logrados pelos espertalhões. Tudo indica que o ensino escolar era visto mais como uma arma de defesa contra possíveis logros.

Um grande empecilho para se pensar em escolas era a falta de professores. Encontrar um professor ou professora, mesmo semi-analfabeto, era uma tarefa ingrata. Deve-se reconhecer que, desde o início, não faltaram pedidos de abertura de escolas públicas. As autoridades pouco se interessaram. Passados mais de dez anos desde a chegada dos primeiros imigrantes, as estatísticas oficiais mostram que o ensino primário público era muito deficiente e o ensino particular quase inexistente.

Em meio a tanta falta de escolas e de preocupações com elas, entretanto, nos primeiros núcleos urbanos funcionavam escolas mantidas pelas Sociedades Italianas de Mútuo Socorro. Na zona rural, aulas noturnas eram dadas por um colono, um pouco mais instruído, em sua casa. O pagamento era efetuado com trabalhos nas roças do professor.

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (LXXXIV)

A CULTURA

A palavra cultura tem um amplo leque de significações. Em sua origem latina, significa cultivar a terra, o solo. Com o passar do tempo, sem perder seu sentido de raiz, cultura designou o conjunto de valores e o grau de desenvolvimento de uma sociedade. Assim se pode falar da cultura brasileira. Neste mesmo sentido se pode falar da cultura dos imigrantes italianos. Cultura, também, pode significar o nível de conhecimento e de desenvolvimento das faculdades intelectuais de uma pessoa. Pessoa com muita ou pouca escolaridade. Significado que pode ser aplicado a todos individualmente. Com isso se costuma falar em pessoa culta, que tem cultura ou escolaridade, e em pessoa inculta, com pouca cultura ou escolaridade.

Hoje, os sociólogos evitam falar de pessoas incultas como sendo inferiores aos que são classificados de cultos. Neste sentido, não há culturas superiores ou inferiores. Cada uma tem seu próprio conjunto de valores e seu grau de desenvolvimento. Por isso o que há são culturas diferentes que precisam ser observadas em suas organizações internas, e não em comparação com outras culturas. Assim um índio pode ser considerado culto no interior de sua cultura, mas, comparado com a cultura do imigrante pode passar por inculto.

Dito isto, falta observar como era a situação dos imigrantes em relação a cultura, entendida como nível de desenvolvimento intelectual. Como a cultura está intimamente relacionada ao grau de escolaridade, fica claro que a sua cultura deixava a desejar.

Ninguém duvida que a escolaridade é fundamental para a formação das pessoas. As discordâncias podem surgir sobre quais conhecimentos ou ciências são mais ou menos importantes. Para muitos as ciências que têm valor são as que capacitam as pessoas para uma profissão. Isto é, aquelas que formam um profissional para o mercado de trabalho. As ciências como história, sociologia, filosofia, literatura são consideradas inúteis porque não se referem diretamente à profissionalização.

As pedagogias atuais insistem na tese de que uma formação integral deve valorizar todas as ciências. As ciências profissionalizantes qualificam o profissional para o exercício de atividades específicas, e dão acesso aos bens materiais. As chamadas ciências humanas oferecem conhecimentos que dão acesso aos bens imateriais. A formação escolar limitada pode, às vezes, formar analfabetos funcionais, aqueles que sabem ler mas não entendem o lêem e valorizar a cultura. Os bens imateriais reúnem todas as manifestações que podem ser definidas como obras do pensamento ou das artes, resultantes da criatividade intelectual.

Essa criatividade se expressa de múltiplas e diversas maneiras. As maiores criações artísticas, desde os tempos mais remotos da história humana, aconteceram na escultura e na pintura, na arquitetura, na música e na literatura. As grandes manifestações de arte, em especial, a escultura, a pintura e arquitetura podem ser apreciadas nos castelos, igrejas, catedrais, monumentos e galerias. Os museus, dos mais diferentes gêneros, existentes em todo mundo, são responsáveis pela preservação da criatividade artística dos povos.

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (LXXXV)

PRODUÇÃO DE OBRAS DE ARTE

Os imigrantes italianos, desde a Itália, preocupados com a sobrevivência não tinham tempo em para produzir ou apreciar a arte, nem para dedicar-se ao estudo e à leitura. Os colonos, na sua quase totalidade, além das preocupações centradas no trabalho diário, a sua situação de analfabeto os impedia de considerar as artes como um bem de toda a humanidade. Para eles, com razão, embora com tristeza, dedicar-se às artes era perde de tempo. Elas não enchem o prato e nem o bolso. As artes eram atividades que interessavam à nobreza ou à instituições como a Igreja. Não propriamente porque eles fossem criadores de arte, mas porque patrocinavam os artistas, em especial, escultores, pintores e arquitetos. Eram estes que decoravam paredes e tetos de castelos e palácios com quadros fantásticos relatando as façanhas de seus donos e reproduzindo passagens de suas vidas. O patrocínio da Igreja via nas artes uma forma de comunicar aos fiéis analfabetos as verdades eternas do cristianismo e os exemplos dos santos. A imagem impressionava e ensinava muito mais do os longos sermões. A imagem, ao contrário da palavra, permanece presente.

Quando os nossos avós ou bisavós saíram da Itália, as grandes obras de arte, produzidas, especialmente, durante o Renascimento (1300 e 1650) enfeitavam Itália. Entretanto poucos, ou quase ninguém, teve oportunidade de admirar tais riquezas culturais. Uma exceção, provavelmente, deve ser feita em relação a Michelangelo Buonarroti (1475-1564), pintor, escultor, poeta e arquiteto, autor da Pietá e do Moisés, não porque os pobres "contadini" tinham visto tais esculturas, mas pela lenda de que, Michelangelo, depois de terminar a escultura do Moisés, a achou tão perfeita, e, com razão, resolveu, ao mesmo tempo que batia com o martelo no joelho, exclamou: "perche no parli" (porque não falas).

As grandes "artes" dos nossos antepassados, tanto na Itália como aqui, foram desenhadas, pintadas e esculpadas nas paisagens da terra cultivada nas formas de alimentos. E os resultados estão aí para a admiração e o uso fruto de todos nós. Basta observar o alto grau de desenvolvimento da vitivinicultura e da industrialização, entre outros.

Apesar da situação pouco estimulante dos imigrantes italianos para dedicar-se às artes, não se pode esquecer os santeiros, mais uma solução caseira, que esculpiram em madeira os santos para serem cultuados em capitéis, capelas e igrejas. Mas há também importantes criações artísticas com repercussão mundial, como a de Cândido Portinari (1903-1962) filho de imigrantes italianos de origem humildade, trabalhadores em fazendas de Café, cujas cenas seus quadros reproduzem. Sua obra foi reconhecida em diversos países, inclusive ele deixou um painel no "Hall" do edifício-sede da ONU em Nova York.

Entre nós, Guido Mondin (1912-2000), filho de imigrantes italianos, junto com atividades profissionais, produziu um acervo de pinturas, entre elas, as dos heróis farrapos. Ainda, Aldo Locatelli (1915-1962), italiano e gaúcho adotivo, deixou extraordinárias pinturas nas catedrais de Pelotas e Santa Maria, a Via-Sacra de São Peregrino de Caxias do Sul, obras no Piratini e na UFRGS. Estão aí para serem apreciadas.

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (LXXXVI)

O ACESSO CONTEMPLATIVO DA ARTE

A palavra arte designa os bens que não fazem parte diretamente do sistema produtivo, do mundo do trabalho e das práticas comerciais. Em nome desta exclusão dos interesses econômicos, as atividades artísticas não estavam incluídas na lista das proibições impostas para os domingos e dias santos.

Esta compreensão da arte, atualmente, praticamente desapareceu. Dificilmente uma atividade humana e os produtos dela decorrentes escapam da valorização comercial. Tudo virou mercadoria e tudo virou trabalho lucrativo. Os artistas eram protegidos pelos mecenas, isto é, os incentivadores das obras de arte, geralmente ligados à aristocracia e à Igreja. As obras de arte para os primeiros tinham um valor artístico. Para a Igreja além do aspecto artístico havia o significado sagrado e religioso. No Rio Grande do Sul, as principais obras de arte sacra estão nas igrejas.

Com a era moderna, especialmente a partir da industrialização, os conceitos de mercado e mercadoria foram tomando conta de todos os empreendimentos humanos. Tudo foi, lentamente, se transformando em valor econômico. Tudo podia ser vendido e comprado por valores monetários. O escambo, a troca de uma mercadoria por outra, desapareceu.

Neste ambiente de mercantilização, tanto os artistas como suas obras entraram na dança do mercado. Ser artista virou uma profissão como qualquer outra na medida em que, para sobreviver, precisa produzir mercadorias para o mercado consumidor. Neste sentido, as grandes obras de artes dos mais célebres artistas do passado passaram a ter um valor milionário. Surgiram os museus como os depositários seguros da grande produção artística do passado e do presente. Castelos, igrejas, galerias e locais em geral onde as obras de arte não podem ser removidas, tornaram-se centros de visitação.

Esses comentários foram expostos aqui apenas para lembrar que diante do domínio total do valor de mercado, ficou difícil sobreviver da produção artística em qualquer manifestação na literatura, na pintura, na música, na escultura, etc. Apenas alguns privilegiados conseguem. Para a grande maioria, e aqui me dirijo especialmente aos descendentes dos imigrantes italianos, resta o caminho do acesso contemplativo da arte.

Para ser admirador das obras de arte há algumas condições que, em geral, andam juntas. Tudo começa pela admiração das belezas naturais. Quem se habituou a admirar as obras da natureza está apto para admirar a arte humana. Tais hábitos podem ser reforçados por conhecimentos gerais da história da arte. Entrar, por exemplo, no Museu do Louvre, em Paris; nos Museus Vaticanos; no Museu do Prado, em Madri; nas inúmeras galerias de arte, existentes nas grandes cidades européias, sem conhecimentos históricos, o aproveitamento fica prejudicado. Por fim, vem o fator econômico. Os ingressos, com exceção de algumas igrejas, todos são pagos como imposição necessária para manter a sua manutenção e seu funcionamento. São as leis rigorosas do mercado. Ninguém desconhece, sem dinheiro pouco se consome. E no caso da arte, sem cultura, pouco se admira.

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (LXXXVII)

A IMPRENSA

Somente alguém que desconhece a história diria que os imigrantes italianos estavam isolados por não disporem de telefone, rádio ou televisão, pelo simples fato de que nada disto existia. A história do telefone começou em 1875. A chamada "era do rádio" foi inaugurada em 1919. E a primeira transmissão radiofônica oficial no Brasil foi o discurso do Presidente Epitácio Pessoa, no Rio de Janeiro em 7 de setembro de 1922, centenário da Independência do Brasil.

A imprensa era o grande meio de comunicação. E o veículo mais popular foi o jornal, de diferentes tipos e periodicidade de circulação.

No contexto da imigração italiana, apesar das condições precárias, tanto por falta de recursos técnicos, econômicos e humanos, não faltaram os idealistas que, conhecendo a força e a importância da imprensa, não mediram esforços para fundar e manter jornais. As principais iniciativas, como era de se prever, partiram do clero.

Uma atitude dos fundadores da imprensa colonial, pouco lembrada, revela uma atenção especial ao modelo de imprensa que deveria ser implantado. As palavras do Frei Bruno de Gillonnay, capuchinho francês, dizem como devia ser e como não devia um jornal. "Não queremos a imprensa como é entendida na Europa, dominada pela política, pelas novidades e pelas lutas apaixonadas. Trabalhamos para estabelecer com simplicidade, no centro da colônia italiana, um jornal que levará, periodicamente, no seio das famílias, em sua língua materna, uma página do santo Evangelho, explicada e comentada, uma história edificante, alguns conselhos de agricultura, a indicação de algumas publicações adaptadas às necessidades dos colonos".

É interessante observar que as mesmas preocupações, com exceção do aspecto religioso, foram adotadas pelo jornal leigo "Bento Gonçalves" de Bento Gonçalves. O seu diretor, Júlio Lorenzoni escreveu em seu diário: "O jornal, além da parte noticiosa, ocupava-se também de agricultura, de comércio e indústria e, principalmente, procurando manter nestes centros coloniais aquela paz e harmonia que tanto concorrem para o progresso de uma localidade".

Vejamos um rápido retrospecto da difícil e complicada história dos primeiros jornais. Em fevereiro de 1909 foi fundado pelo Pe. Cármine Fasulo, em Caxias do Sul, o jornal católico, La Libertá. Apesar do grande entusiasmo que despertou entre os imigrantes, circulou apenas alguns meses, e, devido a conflitos, em parte, provocados pelo seu próprio fundador, acabou sendo transferido para Garibaldi, onde passou a chamar-se Il Colono Italiano, já com a participação dos Capuchinhos. Ao assumi-lo definitivamente, em 1917, eles trocaram o nome por La Staffetta Riograndense.

Também desde 1909 circulava o jornal Bento Gonçalves, acima citado, sob a direção de Júlio Lorenzoni, que, por dificuldades e para tristeza de seu diretor, foi vendido, em 1912, aos Padres Carlistas e passou a denominar-se Corriere d'Itália.

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (LXXXVIII)

OS JORNAIS E AS LUTAS PARA SOBREVIVER

Os estudiosos da história dos jornais, surgidos na região colonial italiana chegaram a uma conclusão comum; se fundar um jornal naquelas circunstâncias exigia uma dose elevada de idealismo, sustentar o jornal se tornava um desafio incalculável. Basta lembrar que dos quatro jornais, apenas um ainda circula, embora com variações de nome, o centenário Correio Riograndense.

No começo o entusiasmo era geral. A chegada do jornal era aplaudida, mas não demorava muito para que os problemas viessem estragar a festa, que eram de toda ordem a começar pelo pessoal qualificado. Faltavam desde funcionários qualificados para trabalhar numa gráfica em que tudo era manual, até pessoas capazes de redigir notícias e artigos de fundo. Neste mesmo setor pode-se incluir a falta de gerentes competentes e com experiência na administração de um jornal.

Os problemas mais graves e fatais para a sobrevivência de um jornal concentravam-se na área econômica. Como sustentar um jornal numa época que a propaganda era quase desconhecida. E pior, a maioria das firmas, comerciais e industriais, não via na propaganda a alma do negócio, como se afirma hoje. Os recursos vindos das assinaturas eram escassos. Conseguir leitores numa sociedade, com alto índice de analfabetismo, seria sonhar demais.

Não faltaram as intrigas políticas. O fato mais marcante deu-se entre o Il Colono Italiano e o Corriere d'Itália. O primeiro, enquanto foi dirigido pelo Pe. Giovanni Fronchetti, um tirolês, favorável à Áustria. É bom lembrar que as regiões do Trentino e do Tirol, pertenciam à Áustria, incorporadas ao território italiano após a vitória da Itália sobre a Áustria no final da primeira guerra mundial. O segundo, pertencente aos Padres Carlistas, era pró Itália sob a direção do Pe. Costanzo, um hábil escritor e italianíssimo declarado, tratava o concorrente não como Il Colono Italiano, mas como Il Colono Austríaco.

A superação desta polêmica aconteceu quando os capuchinhos compraram o Il Colono Italiano e, habilmente, mudaram o nome para La Staffetta Riograndense. Em 1927, depois de avanços e recuos, os Padres Carlistas venderam o Corriere d'Itália aos Capuchinhos que, assumindo seus assinantes, o incorporaram, definitivamente, ao La Staffetta Riograndense, cuja trajetória continua até hoje, ano de seu centenário, apenas com a denominação de Correio Riograndense, em conformidade às normas governamentais.

Por fim cabe aqui, ainda que resumidamente, sublinhar a importância do Correio Riograndense para a comunidade ítalo-gaúcha. Há absoluta concordância sobre seu poder unificador na preservação da identidade dos imigrantes. O jornal, desde o início, oferecia uma variedade de temas que podiam começar pelos chás da Nona, passando pelas informações de agricultura e dos óbitos até chegar aos ensinamentos teológicos. Apenas alguns críticos julgam o jornal bastante conservador. Poderia ser mais combativo sobre temas como a corrupção, as injustiças sociais, a concentração de renda ou consumismo.

Resumindo tudo: o Correio Riograndense merece os parabéns pelo seu centenário.

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (LXXXIX)

OS VIZINHOS

Os vizinhos nunca foram tão vizinhos, durante muitos anos, para os imigrantes, mesmo a quinhentos ou mil metros de distância. Ser vizinho, que significa estar perto, não significava apenas proximidade física e geográfica, mas também proximidade de confiança, de amizade e de mútua solidariedade.

O abandono, nunca é demais repetir, era o fantasma de acompanhava os imigrantes, esquecidos pelos unificadores da Itália, e semi-abandonados em seu país de adoção, não havia outra solução na hora das dificuldades maiores, senão recorrer aos únicos que podiam lhes estender as mãos: os vizinhos.

A preocupação com uma boa vizinhança aparece antes mesmo de receberem os lotes, ao longo da viagem ou durante o tempo de espera nos barracões de imigração. Um fato, já lembrado e entre tantos, é o de Ana Rech. Durante a espera no Barracão de imigração, Ana e os filhos fizeram amizade com a família de Inocente De Carli. O desejo de ocupar lotes contíguos não foi atendido pelos diretores da colonização, eles tinham interesse em povoar as margens da estrada que seguia para os campos de Cima da Serra. Mas isso não impediu que a família de Ana, como todas as outras, deixasse de estabelecer e manter boas relações com a vizinhança. E ela foi um exemplo admirável de solidariedade.

Muito se poderia dizer sobre as relações de vizinhança praticadas pelos imigrantes. Entre as práticas de solidariedade, certamente, a mais comumente é a que acontecia nos momentos de sofrimento pelas doenças. Ninguém se negava a contribuir. Quando o mal atingia o chefe de família, os vizinhos se prestavam a auxiliar nos trabalhos da roça. No caso da mulher, as vizinhas acorriam para auxiliar nos serviços da casa como lavar a roupa, atender na cozinha e, se necessário, tirar o leite das vacas e fazer o queijo.

Por outro lado, nos momentos de alegria, os vizinhos eram os primeiros a participar. Os nascimentos mereciam uma atenção especial e com a oferta de um presente original, quase mágico. O menino recebia um galo. A menina era presenteada com uma galinha.

Uma importante prática da boa vizinhança, que a tecnologia da extinguiu, foi a troca de carnes, miúdos, salame, "codeguin" ou "morcilha", por ocasião da matança de porcos

O fato mais significativo da convivência com os vizinhos, certamente, foi o original filó. É verdade que o modelo foi trazido da Itália, mas as diferenças com o filó daqui são muitas. Lá, os filós, nas longas noites de inverno, tinham a finalidade principal de passar algumas horas nos estábulos, situados na parte térrea da casa, para aproveitar o calor das vacas. Calefação não havia e a lenha mal dava para cozinhar. Os filós daqui, além dos encontros com outras pessoas, saber as notícias do dia a dia, trocar idéias e opiniões, havia sempre, conforme a época, a oferta de comes e bebes, como pinhão, batata doce, amendoim e frutas ou a degustação de vinho doce e garapa, além dos famosos "grustoli". Não faltava o toque gaúcho: o chimarrão. Hoje, o filó se tornou uma comemoração do passado. O telefone, o rádio e a televisão acabaram, em definitivo, com as trilhas dos filós.

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (XC)

O INDIVIDUALISMO

As pesquisas em história revelam o lado positivo e o lado negativo dos personagens e dos fatos. Por exemplo, na semana passada foi mostrado o quanto a boa vizinhança foi importante para superar as dificuldades dos primeiros tempos. Entretanto, nem todos os vizinhos souberam manter um bom relacionamento. Intrigas, às vezes fúteis, criaram inimizades mais ou menos graves. Houve, também, alguns egoístas que davam prioridade às próprias vantagens, mesmo em prejuízo dos outros. Não faltaram, embora raramente, alguns gananciosos tentando remover os marcos das divisas para ampliar sua propriedade.

Esses contratemplos de relacionamento pessoal aconteceram na esfera da ordem social que podem ser verificados tanto na zonas rural e urbana. Tudo depende do caráter e da educação das pessoas para a convivência. Esses desvios de conduta nas relações sociais, geralmente, encontram suas raízes no individualismo. E o individualismo, todos sabem, é a tendência que privilegia os interesses individuais nos campos político, econômico e social.

Para tratar deste delicado tema prefiro recorrer a um dos maiores pesquisadores da Imigração Italiana, especialmente, da Quarta Colônia, Silveira Martins. Filho da terra e vigário de Nova Palma, desde agosto de 1962, o Pe. Luiz Sponchiado podendo manter estreitas relações com a vizinha colônia alemã de Santo Ângelo, hoje Agudo. Assim ele descreveu o perfil dos imigrantes: "Os italianos, ao vir da Itália, seja por caráter latino, seja por necessidade de vida ou por uma educação religiosa individualista, seja pela miséria e carência que sofria, seja pelas lutas e guerras que viu, não tinha associações e sociedades e dificilmente as aceitava". Ele reforça sua análise comparando com a imigração alemã: "Os alemães, por exemplo, em dois tempos, se uniam para uma *bailanta*, para uma sociedade de tiro, bolão, bochas, caça e pesca, música, etc..., tanto os católicos como os protestantes. Inclusive para a escola (a escola da comunidade tão ciosamente guardada e defendida)".

Retomando a situação dos imigrantes italianos o Pe. Luiz Sponchiado procura mostrar, com clareza e autoridade, as razões das diferenças de atitudes entre os imigrantes italianos e alemães, sem nenhum desmerecimento ou definir culpados. "O italiano não tinha nada disto. Não sabia o que era cooperativa, sindicato, sociedades recreativas, e quando as fundaram foram sempre efêmeras, durando tanto quanto durava o entusiasmo, com muitas brigas rivalidades. As escolas pouco lhes interessavam e se algo faziam, era uma simples *Scuola serale*, com algum velho mais sabido que soubesse *legere, scriverer e far conti*. Diante deste individualismo e desunião dos italianos, era de se prever que o *horror da nova América* não venceriam e sucumbiriam diante dos obstáculos, que somente a união venceria. Mas surgiu o fator: IGREJA OU REIGIÃO."

O fator Igreja, como processo de socialização ou re-socialização do imigrante italiano, é reconhecido por todos os estudiosos da imigração. Neste sentido é bom recorrer mais uma vez às palavras de um reconhecido pesquisador das imigrações, Mário Gardelin, ao afirmar que "a capela é a chave para entendermos a vida social do imigrante".